



FOLIA DE REIS EM TEREZÓPOLIS DE GOIÁS, UM BEVE RELATO

João Pedro A. Balduino – jp.amaral.jp@gmail.com

IFG – Câmpus Anápolis

INTRODUÇÃO

O presente trabalho etnográfico é fruto de minha experimentação e inserção ao campo na Folia de Reis, em Terezópolis de Goiás, localizado na região metropolitana de Goiânia, durante a primeira semana de 2019. Quando se trata de folia de Reis em Terezópolis de Goiás se trata de comida, peregrinação e fé. Com um caráter de resistência a Folia De Reis, se faz presente no município.

Ao chegar em campo não tive uma orientação à priori do método e trabalho etnográfico que seria feito ali por mim em conjunto da população folieira. Esse ensaio etnográfico era de interesse exclusivamente fotográfico e narrativo de forma artística-visual. Minha primordial e real intenção em campo era fotografar as ritualísticas, elementos, símbolos e afetos que permeiam a Folia de Santos Reis, assim como muitas outras festas católicas populares.

Quando em campo, peregrinando, fotografando e conversando com a população, eram postas algumas reflexões de forma casual e ordinária à mim. Me permiti ser envolvido e afetado nesses diálogos, e guinei os diálogos, quase que inconscientemente, para entrevistas etnográficas. Foi nesse observar, ouvir e escrever¹ notas curtas durante o campo, que transformei e fui me transformado a episteme e meu olhar como fotógrafo antropólogo e antropólogo fotógrafo. A etnografia foi então, arbitrária, não pude definir uma margem e fronteira onde começou a etnografia, onde comecei a etnografar, e onde me peguei refletindo teoricamente sobre as práticas e culturas da população folieira. Etnografia não foi portanto um método², mas sim uma experiência que se deu de forma arbitrária, por não ser passível de ser ordenada, controlada e prevista com toda sua complexidade.

Por ser crescido e criado terezopolino e ter família ainda terezopolina, eu tive umas aberturas como antropólogo, acessos que não seriam permitidos para qualquer outro externo pesquisador. Pude ajudar no primeiro dia de campo, na cozinha, um lugar de extrema importância para a folia tendo em vista que a comida é um elemento onipresente na folia de reis. Devo enfatizar o meu papel, e também, imagem como fotógrafo, por estar fotografando foi me permitido ir a espaços com maior naturalidade e também mais justificável, já que a fotografia pode ser vista como um produto mais utilitário e usual do que uma etnografia.

1 OLIVEIRA, R.C. *O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever*. REVISTA DE ANTROPOLOGIA, SÃO PAULO, USP, 1996, v. 39 nº1

2 PEIRANO, Mariza. *Etnografia não é método*. Revista: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014



A folia trás novos ares para a fé dos indivíduos, é um momento de fôlego e beleza em meio à um mundo globalizado, em descontrole e cada vez mais desconhecido por aqueles que prezam e conservam tradições e tradicionalidades como a própria Folia de Santo Reis. É um resgate e manutenção da fé e cultura local goiana. Uma tradicionalidade em um mundo pós-tradicional. Para Anthony Giddens as tradições quando não são perturbadas e desestruturadas, elas são ao menos ressignificadas. Seja com um fim de comércio ou até mesmo de manutenção pela identidade. Sustentada, em algum momento em si mesma.

A dissolução da comunidade local não é a mesma coisa que o desaparecimento da vida local ou das práticas locais. Entretanto o lugar torna-se cada vez mais remodelado em razão das influências remotas trazidas para a área local. Por isso os costumes locais que continuam a existir tendem a desenvolver significados alterados. Tornam-se *reliíquias* ou *hábitos*. (GIDDENS, 2001, p.86/87)

É um fenômeno e processo tão quão delicado quanto complexo, há uma tensionada relação da Folia e o corpo folieiro no que tange, instituições, a igreja, o estado, os fluxos políticos institucionais, e outros inúmeros fatores micros e macros. Há uma grande presença de discursos saudosistas de como era a Folia em outros tempos, assim como, embates esperados como a igreja católica romana que de forma institucional não reconhece manifestações populares católicas, um fenômeno e problema bem comum no que tange o catolicismo popular brasileiro.

CONTEXTUALIZAÇÃO

O presente trabalho etnográfico, tem como norte experimentar a prática etnográfica e refletir sobre suas práticas e epistemologias, além de entender a cultura folieira e como outros processos sociais macros se dão dentro desse micro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GIDDENS, Anthony. Em defesa da sociologia. Ensaios, interpretações e tréplicas. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- OLIVEIRA, R.C. O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever. REVISTA DE ANTROPOLOGIA, SÃO PAULO, USP, 1996, v. 39 Nº1
- PEIRANO, Mariza. *Etnografia não é método*. Revista: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014